



### SÃO MARTINHO DE LIMA: O DOUTOR DA CARIDADE

Frei Alexandre Francisco de Marchi Silveira, OP

Martinho não foi um intelectual, mas poderíamos muito bem chamá-lo de doutor da caridade ou da humildade, pois era possuidor da “verdadeira ciência que enobrece o espírito, esse *lumen cordium* com que Deus assiste aos que o temem, ‘a luz da discricção’ de que fala Sta. Catarina de Sena”. Ao olharmos para a sua vida deslumbramos o Evangelho, descobrimos novamente o louvor de Nosso Senhor Jesus Cristo ao Pai: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos” (Mt 11,25).

Martinho, logo após o seu nascimento, em Lima, no Peru, em 1579, foi rejeitado pelo pai, Don Juan de Porres, fidalgo espanhol. Também não ficou muito tempo com a sua mãe, Ana Velásquez, mulher negra originária do Panamá. Aos 8 anos de idade passou a morar na casa de Dona Isabel Garcia, mulher honesta e muito cristã. Nesta casa aprendeu a amar os pobres e marginalizados, pois vivia no bairro dos negros, índios, mestiços e espanhóis pobres.

Do ponto de vista da psicologia, S. Martinho tinha tudo para ser amargurado e ressentido, mas, desde pequeno, demonstrou ser uma pessoa humilde, bondosa, piedosa e caridosa. Suas virtudes causaram a admiração de seu pai, que acabaria por reconhecê-lo, mandando instruí-lo, dando-lhe uma profissão, a de barbeiro (na época, função que contemplava também a enfermagem). Aos 15 anos de idade, apresentou-se ao Convento do Santíssimo Rosário, de Lima, desejoso de ser membro da ordem terceira dominicana. Mas, depois de alguns anos, tornar-se-ia irmão cooperador.

Sua vida foi marcada, sobretudo, pela amabilidade no serviço caseiro do convento dos dominicanos, no cuidado dos enfermos e pobres. Também possuía grande predileção pelos animais domésticos. Essas virtudes conduziram-no aos altares da Igreja. O São Papa João XXIII o canonizou no dia 6 de maio de 1962, ressaltando em sua homilia o seu testemunho de amor a Deus e ao próximo. Amor que o levou a ser chamado pelo povo de “Martinho da Caridade”.

Martinho viveu o “testamento” de S. Domingos, fundador da Ordem dos Pregadores: “Tende a caridade, conservai a humildade, possuí a pobreza voluntária”. Assim como o santo fundador, a sua caridade jorrava da contemplação: “Convicto de que Cristo Jesus morreu por nós e tomou sobre si nossos pecados em seu corpo no lenho, concebeu extremado amor pelo Crucificado. Ao contemplar seus atrozes sofrimentos, não podia impedir-se de chorar copiosamente. Amava igualmente com singular caridade o augusto sacramento da Eucaristia. Com frequência passava horas oculto em adoração diante do tabernáculo e desejava recebê-lo sempre que se lhe oferecia a oportunidade”.



Semelhante à S. Domingos, a oração de S. Martinho era apostólica, pois estava impregnada dos dramas materiais e espirituais das pessoas com as quais se encontrava durante a jornada. A sua vida de oração era o combustível para o serviço alegre ao Reino, mesmo diante dos sofrimentos e discriminações por causa de sua cor. S. Martinho viveu em tudo o que Sta. Catarina aconselhou em uma de suas cartas: “Todo o tempo é para a alma tempo de amor e todo lugar é para ti lugar de amor: se é tempo de penitência, para ti este é o tempo de alegria e consolação, e se por necessidade ou por obediência deves deixá-la, deves alegrar-te igualmente” (Cf. Carta 213).

Sem dúvida, a sua sabedoria não vinha da eloquência humana, mas do poder do Espírito (Cf. 1Cor 2,4). Certo dia, o prior do convento chamava a sua atenção por ter acolhido um índio doente em sua própria cela e de assim ter desobedecido; S. Martinho, após ter aceitado a penitência, respondeu: “Eu não sabia que o preceito da obediência tinha a preferência diante da caridade”. Eis a sabedoria dos santos e santas: fazem do amor a centralidade de suas vidas.

São muitos os milagres atribuídos à S. Martinho, pois ele possuía o dom da cura, mas talvez tudo se resuma em uma palavra: a caridade. Através de seu ofício de barbeiro atendia, além de seus confrades, sobretudo os pobres e doentes. Por isso, Pio XII o declarou, em 1945, padroeiro das obras de justiça social no Peru, e São Paulo VI proclamou-o, em 1966, padroeiro dos barbeiros e cabeleireiros. Também por causa de seus serviços caseiros, é carinhosamente chamado de o “santo da vassoura”.

Que a exemplo de S. Martinho, possamos nos abrir à sabedoria do Espírito, vivenciando o fervor da oração e da caridade. Amém!